

LICÃO Nº 02 - SAULO DE TARSO, O PERSEGUIDOR

Subsídio elaborado por
Inacio de Carvalho Neto.
E-mail do autor: inacioneto@inaciocarvalho.com.br.

Comentários iniciais:

Introdução:

- Estamos em mais um trimestre temático (lembrando que a CPAD alterna um trimestre temático, em que se estuda um tema bíblico, com um trimestre bíblico, em que se estuda um ou mais livros da Bíblia). Neste trimestre estamos estudando a vida de Paulo, que foi, sem dúvida, o maior personagem do Novo Testamento, depois de Cristo.

- Estudar a vida de algum personagem bíblico pode dar margem à crítica de alguns, que alegam que estaríamos endeusando o homem. Mas na verdade não é assim. A pretensão não é endeusar Paulo, nem nenhum outro homem. Estudamos a vida de um personagem bíblico para aprender com seus acertos e com seus erros.

- Paulo disse: “Sede meus imitadores, como também eu, de Cristo” (1Co. 11.1; ver também 1Co. 4.16, Fp. 3.17). E, de fato, temos muito a aprender com Paulo, temos muito a imitar Paulo. Quem dera que cada cristão pudesse ser um imitador de Paulo. Se cada um de nós fizéssemos 1% do que Paulo fez pela pregação do Evangelho, não haveria uma única pessoa no mundo que nunca ouviu falar de Cristo (e, incrivelmente, existem sim muitas pessoas no mundo que nunca ouviram falar de Cristo).

- Dizer que devemos imitar Paulo não significa endeusar Paulo. Devemos imitar Paulo porque ele imitou Cristo. Isso não significa que Paulo fosse perfeito; como todo ser humano, ele também errou (o seu maior erro é justamente o tema desta lição). Mas podemos aprender com os seus erros, para não cometê-los também.

- Ter modelos para imitar é uma grande vantagem. Nossos antepassados muitas vezes erraram por falta de conhecimento, por não terem tido a quem imitar. Mas se temos a quem imitar, se temos modelos, podemos evitar os erros, seguindo apenas o que o nosso modelo fez de correto.

- A Bíblia relata a vida de Paulo não para endeusá-lo, mas para que nós o tenhamos como modelo, seguindo-o em seus acertos e aprendendo com os seus erros, para não cometê-los também. Aliás, a Bíblia relata a vida de vários heróis, não apenas de Paulo, que podemos ter como modelos. Todos eram seres humanos, com suas falhas. Com todos eles podemos aprender muitas coisas boas, inclusive aprender a não repetir os seus erros.

- Nesta lição, damos início ao estudo da vida de Paulo, falando sobre sua fase anterior à conversão, desde o seu nascimento até o instante anterior à sua ida a Damasco, que mudou sua vida e o destino da igreja.

O nome de Paulo:

- Devemos de início desfazer o mito, muito repetido no nosso meio, de que Jesus teria mudado o nome de Saulo para Paulo por ocasião da sua conversão. Isso é falso, nada havendo na Bíblia a este respeito. Deus de fato mudou o nome de algumas pessoas (ex: de Abrão, para Abraão; de Sarai, para Sara; de Jacó, para Israel), mas não há nada que nos indique que Deus tenha mudado o nome de Saulo para Paulo.

- O que temos de concreto na Bíblia é que o seu nome original era realmente Saulo, variante grega do nome hebraico Saul. Saul era o nome do primeiro rei de Israel, e devia ser um nome comum entre os descendentes da tribo de Benjamim (como era o caso de Paulo), já que Saul foi o benjamita mais proeminente.

- O nome Saul significa “pedido”. Como os judeus dão nome aos seus filhos observando o significado do nome, de acordo com as circunstâncias da geração ou do nascimento da criança, podemos imaginar que Saulo tenha sido pedido a Deus por seus pais. Como seu pai era um fariseu, podemos conjecturar que seus pais tenham pedido um filho que fosse um exemplo na religião, um fervoroso defensor da lei de Moisés.

- Ao que tudo indica, Paulo era um apelido, que lhe foi dado em razão de sua baixa estatura (Paulo significa pequeno; e Paulo era realmente de baixa estatura). Foi o próprio Paulo quem adotou esse nome, passando a se chamar assim; não há nenhum texto bíblico que indique que Deus assim lhe tenha determinado. Talvez por se sentir pequeno, depois da sua conversão, Paulo tenha adotado esse apelido como seu nome.

As origens de Paulo:

- Paulo é, como já dissemos, o maior personagem do Novo Testamento, afora Cristo; mas, antes de sua conversão, Paulo foi o principal perseguidor da igreja nos primeiros dias da dispensação da graça.

- O próprio Paulo disse depois que ele foi separado e chamado para a graça de Deus desde o ventre de sua mãe (Gl. 1.15); portanto, não foi por acaso que ele nasceu em Tarso; tudo foi devidamente preparado por Deus.

- Em Tarso, Paulo teria o contato simultâneo com as três culturas de seu tempo: a romana, a grega e a judaica; contato esse que seria indispensável na sua missão de transformar o Cristianismo de uma seita judaica na maior religião do mundo.

- Não se sabe a data do nascimento de Paulo. Alguns entendem que ele deve ter nascido entre os anos 10 e 15 d.C.; outros entendem que ele teria nascido por volta do ano 5 d.C.; a igreja Católica Romana comemorou o bimilenário de Paulo em 2009, ou seja, entende que ele nasceu no ano 9 d.C..

- Podemos, portanto, imaginar que Paulo tenha nascido entre 5 e 15 d.C.. Isso significa que ele era ainda um adolescente ou um jovem quando Jesus se manifestou aos judeus (por volta do ano 28 d.C.).

- Por isso, é provável que Paulo nunca tenha visto Jesus antes da sua visão no caminho de Damasco. Muito provavelmente, ele foi para Jerusalém estudar com Gamaliel quando Jesus já tinha ressuscitado. O próprio Paulo nunca falou que tivesse visto Jesus antes da sua conversão.

A formação farisaica de Paulo:

- Paulo nasceu em uma família judaica religiosa. Ele afirma que era “filho de fariseu” (At. 23.6), indicando que seu pai já era um fariseu. Como ele nasceu em Tarso, provavelmente seu pai ou outro ascendente mais antigo tenha sido alvo da “evangelização” promovida pelos fariseus entre as comunidades judaicas espalhadas pelo mundo de então (os chamados “judeus da diáspora” ou “judeus gregos” – Jo. 12.20; At. 6.1).

- Os fariseus eram zelosos nessa “atividade missionária”; não mediam esforços para trazer os judeus (e também os gentios, chamados de “prosélitos” – At. 2.10; 6.5; 13.43) das várias partes do mundo à sua visão religiosa, como Jesus mencionou (Mt. 23.15: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito; e, depois de o terdes feito, o fazeis filho do inferno duas vezes mais do que vós”).

- O farisaísmo surgiu da concepção de que se devia “educar muitos discípulos e construir uma cerca em torno da Torah”: mandamentos humanos que impediriam as pessoas de infringir os mandamentos da lei de Deus; ex: a lei proibia o trabalho no sábado (quarto mandamento do Decálogo); os fariseus criaram uma “cerca” em torno desse mandamento, dizendo especificamente o que o judeu podia e o que não podia fazer num sábado, estabelecendo limites rígidos bem definidos, para que ninguém corresse o risco de infringir o quarto mandamento; foram 39 mandamentos adicionais só a respeito da guarda do sábado. Quando os fariseus acusavam Jesus de não guardar o sábado, na verdade, não é que Ele não guardasse o sábado; Ele não guardava esses mandamentos adicionais criados pelos fariseus (Mc. 2.23-27; 3.2-4).

- A ideia é que se mantivessem os ensinamentos da lei, que haviam sido restaurados por Esdras e transmitidos aos “Homens da Grande Assembleia”, que é o Sinédrio, o corpo de 70 doutores da lei que, sob a presidência do Sumo-Sacerdote, tornou-se o principal órgão religioso-legislativo-judiciário do povo judeu.

- A palavra “fariseu” significa “separado”. Os fariseus surgiram dessa busca da preservação da identidade do povo judeu. A tradição conta que o primeiro fariseu foi Antígono de Socho, que viveu na primeira metade do século III a.C.. É curioso que o seu nome seja grego, o que revela a assimilação que o judaísmo estava sofrendo pela cultura grega.

- Conta-se que Antígono aprendeu com seu mestre, Simão, o Justo, que o mundo se sustentava por três coisas: o estudo da Torah, o serviço a Deus e as boas ações. E que ele passou a ensinar que não se deveria ser como criados que servem ao amo apenas para receber uma recompensa; mas como os servos que servem a seu senhor sem pensar em recompensas.

- Mais tarde, sob o comando de Simão ben Shetach (140-60 a.C.), cerca de 150 anos antes da destruição do segundo Templo, os fariseus assumiram o controle do Sinédrio temporariamente, adotando como lema: “educar muitos discípulos e construir uma cerca em torno da Torah”. A partir daí, eles passaram a ser vistos pela população como os verdadeiros seguidores da lei, como exemplos de religiosidade.

- O farisaísmo, partindo de uma boa intenção de impedir a assimilação dos judeus pelos gentios, acabou gerando uma religiosidade, segundo a qual, por meio de preceitos criados pelos homens, seria possível impedir que se violasse a lei de Moisés e, desse modo, manter-se-ia a comunhão com o Senhor. Esqueceram-se de que é impossível ao homem criar um meio de ligação com Deus por seus próprios esforços.

- Esta busca da “cerca em torno da Torah” fez com que os fariseus gerassem uma religião igual a tantas outras que existiam entre os gentios, fazendo surgir um orgulho religioso, uma falsa santidade, verdadeira santarronice, que caracterizaria o farisaísmo nos tempos de Cristo.

- Neste escrúpulo excessivo, os fariseus não titubaram em criar novos mandamentos, que constituíam a chamada “cerca em torno da Torah”, preceitos que tinham como objetivo criar impedimentos a que se quebrassem os 613 mandamentos da lei. Foram esses preceitos que Jesus chamou depois de “fardos pesados e difíceis de suportar” (Mt. 23.4), que levavam a duas consequências trágicas: a hipocrisia e o “fechamento dos homens ao reino dos céus” (Mt. 23.13).

- Foi isto que Paulo aprendeu em seu lar. Como ele próprio informa, ele aprendeu a ser extremamente rigoroso com preceitos religiosos, a julgar as coisas segundo a aparência e não a essência, a ser extremamente severo e rigoroso, como eram os fariseus (At. 26.5).

- Com essa formação religiosa, Paulo não poderia, de forma alguma, ser favorável à pregação do Evangelho. Jesus tinha sido um opositor ferrenho dos fariseus, não acatava a “tradição dos anciãos”, que eram os ensinamentos que os fariseus procuravam preservar, nem observava a “cerca em torno da Torah” (Mt. 15.1-3).

- Como Paulo poderia crer que Jesus, que contrariava a “tradição dos anciãos”, pudesse ser o Messias? Como ele poderia admitir que alguém que não se enquadrava no perfil interpretativo dos doutores da lei pudesse ser considerado o Cristo, quando havia morrido como um malfeitor?

- Ademais, Jesus não tinha se formado em nenhuma das escolas dos doutores da lei que existiam naquele tempo e que, inclusive, haviam sido criadas precisamente pelos fariseus desde os tempos de Simão bem Shetach.

- O próprio Paulo saiu de Tarso para frequentar a escola de Gamaliel em Jerusalém. Como ele poderia admitir que alguém sem nenhuma formação pudesse ser o Messias ou um Rabi (mestre)?

- Jesus era um “homem do povo” e, no conceito então vigente, como ele não era um doutor da lei, não passava de um maldito (Jo 7.49). E, de acordo com a lei, ele era mesmo um maldito, porque Dt. 21.23 diz que “o pendurado é maldito de Deus”. É por isso que Paulo diz que Jesus se fez “maldição por nós” (Gl. 3.13).

- A formação religiosa de Paulo, portanto, contribuiu muito para que ele fosse o perseguidor da igreja. Não se está aqui a dizer que toda formação religiosa (ou teológica) seja ruim e fará da pessoa um perseguidor da igreja. O problema de Paulo não foi propriamente a sua formação religiosa, mas o fato de ele ter se apegado a ela como se fosse a sua tábua de salvação. O problema de Paulo foi o exagero com que ele se apegou ao farisaísmo. Ele mesmo disse, depois, que “excedia em judaísmo a muitos da” sua “idade, sendo extremamente zeloso das tradições” dos pais (Gl. 1.14).

A formação estoica de Paulo:

- E também não foi apenas a formação religiosa de Paulo que o levava a ser um adversário do Cristianismo. Paulo tinha sido criado em Tarso e teve contato com a filosofia grega; Tarso era, desde os tempos de Zenão de Tarso, que teve notoriedade por volta de 200 a.C., um centro de estudos da filosofia estoica.

- Os estoicos eram conhecidos por serem defensores de que a ética deveria ser a principal preocupação do ser humano, ou seja, o homem deveria primar pelo cuidado com a sua conduta, com o seu comportamento, com as suas atitudes, buscando sempre controlar as suas paixões, viver da forma mais sóbria e equilibrada possível, procurando entender a ordem natural das coisas, adaptar-se e resignar-se.

- O estoico defendia a prática da virtude, das boas ações, como também a existência de uma fraternidade entre os homens, mas defendia que tudo isto estava relacionado com a razão, não sendo possível, portanto, qualquer bem provir daquilo que fosse ilógico, irracional.

- Não há dúvida de que o estoicismo influenciou Paulo em sua tomada de posição contra o Cristianismo, porque a ideia de que Deus, por amor, se fez homem para morrer no lugar do pecador, pagando o preço do pecado da humanidade, não fazia sentido para os estoicos. Era uma loucura, algo que contrariava totalmente a lógica e, por isso, não poderia ser aceito por alguém que entendia que “o universo é governado por uma razão universal natural”.

- A pregação do Evangelho é evidente contraposição a esse aspecto racionalista do estoicismo. Bem ao contrário do racionalismo, defende-se a fé em Jesus Cristo como início de toda a comunhão com Deus, ou seja, deve-se crer no que Jesus disse e ensinou, ainda que isto não esteja de acordo com a interpretação dada pelos doutores da lei e escribas às escrituras, e ainda que isto não esteja de acordo com a razão humana.

- Para quem foi formado na filosofia estoica, isso era algo que não passava de mera opinião, de algo completamente sem fundamento e que não poderia ser considerado como verdadeiro. Não foi à toa que um imperador romano, que foi um grande filósofo estoico, Marco Aurélio (121-180 d.C.), na única vez que mencionou os cristãos, criticou-os por “não fazerem uso da razão”.

A formação romana de Paulo:

- Por fim, temos a formação romana de Paulo. Por ter nascido em Tarso, Paulo era um cidadão romano e conhecedor das leis.

- Para Paulo, Jesus tinha sido condenado pelo governo romano, sendo crucificado porque se declarara rei dos judeus; esta foi a acusação que puseram na sua cruz (Jo. 19.19). Tratava-se, portanto, de alguém que tinha desobedecido à lei romana, um criminoso.

- Nessa condição, para Paulo, Jesus jamais poderia ser o Messias, que, segundo os doutores da lei, reinaria sobre Israel, como Filho de Davi, mas de forma legítima e legal.

- Além disso, as pessoas achavam que Jesus era da Galileia, de Nazaré, nada tendo a ver com a descendência de Davi (Mt. 21.11, Jo. 7.41,52).

Paulo perseguidor:

- Tendo sido formado intelectual e espiritualmente nesse ambiente, não é surpresa que Paulo tenha desenvolvido hostilidade contra a “seita dos nazarenos” (At. 24.5). Seu primeiro contato com os cristãos deve ter sido logo que chegou a Jerusalém para estudar na escola de Gamaliel, justamente quando os discípulos estavam enchendo a cidade da doutrina cristã (At. 5.28).

- Com toda sua formação, Paulo não podia compreender como um grupo de pessoas, na sua maior parte iletradas, estavam dizendo que um homem que havia morrido como criminoso teria ressuscitado e se dito o Messias, um homem que vivera na Galileia, sem qualquer formação acadêmica e que se voltava contra a “cerca da Torah”, contra os doutores da lei e contra os escribas.

- Paulo, no seu zelo religioso, pôde testemunhar o vigoroso crescimento que os cristãos estavam tendo e viu neste movimento um grande perigo para o judaísmo.

- Gamaliel era de grande prestígio no Sinédrio, ocupando o segundo lugar em importância naquele Tribunal, que era o principal órgão judaico. E Paulo foi um de seus principais alunos, tanto que ele diz que estudou “aos pés de Gamaliel” (At. 22.3). Naquela época os mestres ensinavam sentados, e os alunos ficavam de pé em um local mais abaixo deles. Mas os melhores alunos ficavam sentados aos pés do mestre, em uma posição de honra.

- Sendo um dos principais alunos de Gamaliel, que era o segundo no Sinédrio, certamente Paulo conquistou um bom relacionamento com as lideranças religiosas, passando a ser uma espécie de assessor daquela Corte.

- É bom fazermos aqui um parêntese para observarmos que nada indica que Paulo tenha sido membro do Sinédrio. Em nenhum momento ele fala isso, nem a Bíblia fala isso em nenhuma passagem. O fato de ele ter recebido cartas do Sumo-Sacerdote para prender crentes em Damasco não significa que ele era membro do Sinédrio. Alguns estudiosos é que afirmam que Paulo pertenceu ao Sinédrio.

- E daí tiram a conclusão de que Paulo era casado, pois, para pertencer ao Sinédrio, tinha que ser casado. Paulo fala que ele não era casado (1Co. 7.7-8, 9.5), mas isso não significa que ele fosse necessariamente solteiro. A tradição normalmente afirma que Paulo tinha sido casado e tinha se divorciado, ou ficado viúvo.

- Mas a verdade é que a Bíblia nada fala a respeito do estado civil de Paulo. Só podemos afirmar, com base bíblica, é que, no momento em que ele exerceu seu ministério, ele não estava casado. Pode ser que ele fosse solteiro, divorciado, viúvo, ou pode ele ter tido um casamento anterior anulado. Tudo que temos a respeito são meras conjecturas.

- Gamaliel era contra a perseguição dos cristãos (At. 5.34-40). Mas Paulo, contrariando seu mestre, entendeu que, se o movimento não fosse contigo, em pouco tempo todo o povo se inclinaria para aquela “seita”, como ele chamava os cristãos. Até parentes de Paulo já tinham se convertido a Jesus Cristo (Rm. 16.7).

- O crescimento vertiginoso dos cristãos fez Paulo entender que a “política de espera” defendida por seu mestre Gamaliel não poderia ser seguida. Então, Paulo passou a defender a estratégia da perseguição, da violência e da ameaça, a fim de impedir a disseminação daquele movimento que entendia ser extremamente perigoso para a manutenção da fé judaica.

- Defendendo essa linha mais dura de contenção dos cristãos, Paulo acabou testemunhando um episódio que, ao mesmo tempo em que lhe faria por em prática seu pensamento, também lhe lançaria a semente que, posteriormente, levaria à sua conversão.

- Muito provavelmente, Paulo presenciou a disputa que havia entre Estêvão e alguns membros da Sinagoga chamada dos libertos, pois era a Sinagoga que Paulo devia frequentar, por ser oriundo da Cilícia.

- Essa era uma Sinagoga de judeus que tinham migrado para Jerusalém, vindos da Cilícia e de Alexandria, uma Sinagoga que deveria ter muitos que, a exemplo de Paulo, tinham vindo para Jerusalém para estudar a lei, para se tornarem doutores da lei.

- Estêvão costumava frequentar aquele lugar, buscando ali ganhar almas para Cristo, de forma que Paulo devia ter tido um certo contato com esse diácono.

- Era certamente uma Sinagoga composta por muitos entendidos da lei, estudiosos das Escrituras. Mas eles não puderam resistir à sabedoria e ao espírito com que Estêvão falava.
- Como não conseguiam vencer os argumentos de Estêvão, os integrantes daquela Sinagoga, movidos pelo ódio aos cristãos, subornaram alguns homens para que acusassem Estêvão de proferir palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus (At. 6.11).
- Assim, excitaram o povo, os anciãos e os escribas, levando Estêvão ao Sinédrio. Provavelmente Paulo participou disso, pois ele era próximo do Sinédrio.
- Perante o Sumo-Sacerdote, Estêvão proferiu o seu famoso discurso, no qual lançou em rosto deles a incredulidade do povo de Israel, desde os primórdios de sua história, mostrando como eles estavam a resistir ao Espírito Santo.
- Certamente esta foi uma das primeiras vezes que Paulo teve acesso à verdade espiritual da rejeição do plano salvífico por parte da nação israelita, algo que seria fundamental para a construção de todo o entendimento que Paulo teria, posteriormente, do Evangelho.
- Numa disputa teológica entre judeus, Deus estava fazendo com que, pelo Espírito Santo, Estêvão lançasse a semente para que Paulo viesse a ter um dos seus primeiros contatos com a sublimidade do mistério da Igreja e que pudesse levar o Evangelho ao patamar que as barreiras culturais estavam impedindo os apóstolos de transpor.
- A multidão ficou ainda mais enfurecida com a pregação de Estêvão; a fúria foi tanta que o povo retirou Estêvão da presença do Sumo-Sacerdote e do Sinédrio, levando-o para fora da cidade, onde o apedrejaram.
- Ali estava Paulo, representando o Sinédrio, consentindo com a morte de Estêvão, tanto que aos seus pés lançaram as vestes do executado (At. 7.58). Esta foi, inclusive, a primeira menção de Paulo na Bíblia.
- O Sinédrio não tinha poder para condenar ninguém à morte (Jo. 18.31). Mas Paulo excedia em judaísmo a muitos da sua idade e era extremamente zeloso das tradições de seus pais (Gl. 1.14). Diante do crescimento da Igreja, Paulo passou a defender que os tribunais deveriam tomar a iniciativa quando es tivesse em perigo a ordem pública, a lei religiosa ou a moral, caso em que poderiam até sentenciar a morte, para tirar “o mal do meio do povo” (Dt. 13.5; 17.7; 19.19; 21.21; 22.21,24; 24.7).
- Assim como todos que ali estavam, Paulo certamente também viu o rosto de Estêvão como o rosto de um anjo (At. 6.15) e a cena final em que Estêvão pediu perdão para os seus algozes (At. 7.60), o que certamente influenciou Paulo dali para frente.
- Paulo viu na morte de Estêvão o início da execução de seu plano. Ele tinha finalmente convencido o Sinédrio de que era necessário impedir o avanço da “seita dos nazarenos” e, a partir daí, teve autorização para iniciar esta grande perseguição, a primeira grande perseguição que se levantaria contra a Igreja.
- Era uma perseguição sistemática, organizada, planejada; era uma política que estava sendo desenvolvida pelo Sinédrio. Haviam deixado de lado os conselhos de Gamaliel e agora se partia para forçar os cristãos a abandonarem a sua fé; do contrário, seriam mortos por causa dela.

- Um detalhe importante aqui é que Paulo, mesmo como perseguidor, estava sendo já usado pelo Senhor para disseminar o Evangelho entre os gentios. Jesus havia dito aos apóstolos que fossem por todo o mundo e pregassem o Evangelho a toda criatura (Mc. 16.15), e que fizessem discípulos entre todas as nações (Mt. 28.19-20; Lc. 24.47), mas eles insistiam em ficar em Jerusalém (At. 5.28); não foram sequer às cidades vizinhas (At. 5.14-16).

- Agora, com a perseguição, os cristãos foram obrigados a deixar Jerusalém e, a partir daí, o Evangelho passou a ser pregado na Judeia, Samaria e até os confins da Terra, como o Senhor havia mandado (At. 1.8). E justamente o responsável por isso era Paulo.

- Querendo destruir a fé cristã, Paulo, mesmo antes de se converter, estava disseminando a mensagem do Evangelho pelo mundo. Tudo que acontece é para o bem daqueles que amam a Deus e são chamados pelo Seu decreto.

- Os cristãos, por causa da perseguição, tiveram a honra do martírio e, com isso, ficaram aptos a receber a coroa da vida (Ap. 2.10). Os que não foram martirizados passaram a ser ganhadores de almas por onde passaram (At. 11.19), mostrando não serem servos inúteis. Com isso eles garantiram a sua perseverança e se tornaram aptos a receber galardão.

- Mas o Paulo perseguidor tinha terríveis características, que o credenciavam à perdição eterna. Primeiro, era alguém que consentiu na morte de um justo (At. 8.1). O zeloso fariseu era, portanto, um instrumento de morte. Ele quis a morte de Estêvão, ele defendia a morte daqueles que seguiam a Jesus Cristo. Mostrava-se, portanto, ser alguém que odiava a Jesus e, como Jesus é a vida, Paulo era um amante da morte.

- Atualmente não é diferente. Identificamos os inimigos da cruz de Cristo (Fp. 3.18) facilmente quando verificamos que eles são inimigos da vida, são amantes da morte, fazem parte da “cultura da morte”. São aqueles que defendem o aborto, a eutanásia, o suicídio assistido, a legalização das drogas etc. Tomemos cuidado com essa gente!

- Segundo, Paulo assolava a igreja (At. 8.3). O verbo aqui, no grego, é *lymainomai*, cujo significado é “sujar”, “arruinar”, “destruir”, “insultar”, “maltratar”. Paulo queria o fim da igreja e, para isto, procurava eliminá-la da face da Terra.

- Para isso, Paulo entrava nas casas dos cristãos, arrastava homens e mulheres e os encerrava na prisão, procurando ameaçar e usar de violência para que eles abandonassem a fé, ou matar aqueles que se mantinham fieis ao Senhor (At. 26.10).

- Os inimigos da cruz de Cristo querem, a todo custo, fazer com que a Igreja desapareça da face da Terra e, por isso, perseguem os cristãos impiedosamente, prendendo-os, matando-os. Todos que agem desta maneira são como era Paulo, perseguidores de Jesus Cristo, pessoas que odeiam o Senhor.

- Atualmente, tem aumentado grandemente o número de cristãos perseguidos. Principalmente depois do início da pandemia de Covid-19, aumentou o número de governos que perseguem cristãos. Até nos Estados Unidos, que sempre foi o país da liberdade, já se começa a pôr cristãos atrás das grades.

- No Brasil também temos verificado alguns governantes se levantando contra o povo de Deus; precisamos ficar alertas para que não venham a ter primazia nos centros decisões da nação. Quem quer a destruição e a ruína da Igreja é, sem dúvida, um agente de Satanás. Tomemos cuidado!

- Quando a Bíblia diz que Paulo “respirava ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor” (At. 9.1), lembremos que respiração fala de espírito. Em todo o seu zelo religioso, Paulo estava impregnado de violência, medo e morte. Portanto, Paulo era alguém que não possuía o amor de Deus (1Jo. 4.18).

- Jesus já havia advertido os discípulos que muitos seriam mortos por pessoas que cuidavam que estavam servindo a Deus (Jo. 16.2); Paulo era um desses: um cego espiritual, iludido pelo inimigo de nossas almas, achando que, ao afrontar a Cristo, estaria servindo a Deus.

- Quem “respira ameaça” incute medo nas pessoas, estando ele próprio tomado pelo medo. O que movia Paulo era o medo de os cristãos destruírem o judaísmo. Quem “respira morte” é porque não tem Jesus Cristo, que é a vida (Jo. 14.6).

- Paulo estava convencido de que tinha uma missão: praticar todos os atos que pudesse contra o nome de Jesus (At. 26.9). Era uma profissão de fé anticristã, a mesma que hoje une diversos movimentos em todo o mundo, que estão preparando o caminho para o Anticristo.

- O filósofo Olavo de Carvalho identificou três grandes movimentos anticristãos que hoje disputam o poder político mundial: o islamismo, o globalismo ocidental e o comunismo chinês-russo. Embora concorram entre si, todos eles se unem na luta pela remoção do Cristianismo e de seus princípios da face da Terra.

- O plano de Paulo aparentemente estava dando certo. Ao intimidar os cristãos, fez com que eles fugissem de Jerusalém, tendo o cuidado de buscar separar os cristãos das suas lideranças (os apóstolos foram mantidos em Jerusalém – At. 8.1). Assim, Paulo entendia que seria apenas questão de tempo para que a “seita dos nazarenos” desaparecesse.

- Entretanto, Paulo teve conhecimento de que, em Damasco, capital da Síria, onde havia uma grande comunidade judaica, os cristãos também estavam crescendo em número. Era imperioso cortar o mal pela raiz.

- Paulo resolveu então pedir autorização para o Sumo-Sacerdote para que prendesse e trouxesse os cristãos de Damasco para Jerusalém, para deixar bem claro a todos os judeus de todas as partes que a “seita dos nazarenos” não seria admitida nem tolerada.

- Com o prestígio que desfrutava no Sinédrio, Paulo não teve dificuldade de obter essa autorização do Sumo-Sacerdote (que, na ocasião, era Jônatas ou Teófilo, ambos filhos de Anás). Isso ocorreu no ano 37 d.C., ou seja, oito anos após a morte, ressurreição e ascensão de Jesus.

- Paulo estava, na sua imaginação, a ponto de pôr fim definitivo à “seita dos nazarenos”, mas não era este o plano de Deus para a sua vida, como veremos na próxima lição.

Texto Áureo:

At. 9.1

1 E Saulo, respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote.

- Saulo estava respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor. O texto grego diz “inspirando”. A frase pode provavelmente ser bem traduzida simplesmente que ele sentia contra os crentes.

- Estava na própria essência de Paulo o fervor religioso que o impelia a perseguir os cristãos.

Texto da Leitura Bíblica em classe:

At. 8.1-3; 22.4-5; 26.9-11

At. 8

1 E também Saulo consentiu na morte dele. E fez-se, naquele dia, uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; e todos foram dispersos pelas terras da Judéia e da Samaria, exceto os apóstolos.

- Consentiu, no original, é uma construção com participio, “que denota não um ato momentâneo..., mas uma ação continuada ou habitual”. O verbo significa “concordar, agir de acordo com os assassinos (Lc 11, 48; Rm 1, 32; 1 Co 7, 12-13) e não meramente consentir ou aprovar o assassinato”. Morte não é a palavra grega habitual, thanatos, mas anairesis (somente aqui no NT), que significa “uma destruição, um assassinato, um homicídio”. A diferença de thanatos (morte) é significativa. O jovem rabino Saulo estava dando a sua aprovação oficial ao assassinato de um mártir inocente.

- Naquele dia é o significado exato do original. O uso exato desta frase no Novo Testamento (Mt 13.1, 22.23) sugere que aqui significa “naquele mesmo dia apedrejamento de Estevão. Parece que este evento deu início à grande perseguição dos crentes em Jerusalém. É apenas a segunda vez que o termo igreja (aplicando aos cristãos) é encontrado aqui no livro de Atos (5.11), mas ele aparece 22 vezes no restante do livro.

- O resultado da perseguição foi que todos discípulos foram dispersos nesta primeira diáspora cristã. A dispersão forçada levou-os às terras da Judéia e de Samaria.

- A frase exceto os apóstolos parece estranha. Pode parecer que os líderes estariam correndo um perigo maior de serem mortos. Duas ou três explicações podem ser oferecidas. A primeira é que os apóstolos eram todos judeus e tinham a estima geral do “povo” (5.13). Pode ter acontecido que os helênicos, representados por Estevão, fossem o objeto particular da perseguição. Em segundo lugar, pode-se supor que os apóstolos consideravam como seu dever permanecer em Jerusalém, independentemente das consequências.

- UMA GRANDE PERSEGUIÇÃO. Parece que Saulo foi o líder da primeira perseguição em grande escala contra a igreja (1-3; 9.1), perseguição essa intensa e severa. Homens e mulheres eram encerrados na prisão (v. 3) e açoitados (22.19), e muitos foram mortos (22.20; 26.10,11). Deus, porém, transformou essa perseguição em início da grande obra missionária da igreja (v. 4).8.5- 24.

- DESCENDO FILIPE À ... SAMARIA. A sequência de eventos nesse registro do derramamento do Espírito Santo nos crentes samaritanos. (1) Filipe pregou o evangelho do reino, e Deus confirmou a Palavra com sinais e prodígios (vv. 5-7). (2) Muitos samaritanos receberam a Palavra de Deus (v. 14), creram em Jesus (v. 12), foram curados e libertos de espíritos imundos (v. 7), e batizados nas águas (vv. 12,13). Assim, experimentaram a salvação, a obra regeneradora do Espírito

Santo e o poder do reino de Deus (v. 12). (3) O Espírito Santo, porém, não tinha descido sobre nenhum deles depois da sua conversão a Cristo e batismo em água (v. 16). (4) Alguns dias depois da conversão dos samaritanos, Pedro e João chegaram a Samaria e oraram para os novos crentes receberem o Espírito Santo (vv. 14,15). Houve um definido intervalo entre a conversão deles e o recebimento do batismo no Espírito Santo (vv. 16,17; cf. 2.4). Este caso dos samaritanos segue o padrão da experiência idêntica dos discípulos no dia de Pentecoste. (5) Sem dúvida houve manifestação externa neste caso de recebimento do Espírito Santo, a saber: línguas e profecia.

2 E uns varões piedosos foram enterrar Estêvão e fizeram sobre ele grande pranto.

- O corpo de Estevão foi sepultado por alguns varões piedoso. Estes eram cristões ou judeus não cristãos? Meyer pensa que eles eram “judeus religiosos que, com a sua consciência piedosa e com uma inclinação secreta ao cristianismo, tiveram a coragem de honrar a inocência daquele que tinha sido apedrejado”. Gloag concorda que provavelmente “os piedosos mencionados aqui eram a admiradores, que não reconheciam abertamente ser cristãos”. De qualquer forma, a lei exigia que o criminoso executado fosse sepultado (Dt 21.22-23). Para cumprir a lei, José de Arimatéia e Nicodemos – que não eram discípulos confessos de Jesus – sepultaram o corpo de Cristo. Aqueles que cuidaram do corpo de Estevão fizeram sobre ele grande pranto. A palavra grega para pranto (somente aqui no NT) significa literalmente “um golpe na cabeça e no peito”. Esta era uma maneira tipicamente oriental de demonstrar grande pesar.

3 E Saulo assolava a igreja, entrando pelas casas; e arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão.

- Saulo mais enfurecido que inibido pela visão da morte de Estevão, assolava a igreja. O verbo (somente aqui no NT) é usado na Septuaginta para referir-se a um javali selvagem que devasta uma vinha (SI 80.13). Não satisfeito em prender as pessoas nos lugares públicos, o zeloso jovem rabino invadia as casas particulares. “Arrastar” é uma “antiga forma de uma palavra que significa “rebocar, puxar violentamente”. Saulo estava arrastando furiosamente homens e mulheres à prisão.

At. 22

4 Persegui este caminho até à morte, prendendo e metendo em prisões, tanto homens como mulheres.

- Com tato, Paulo disse aos seus ouvintes que ele tinha sido zeloso para com Deus “zeloso por Deus” – como todos vós hoje sois. Tão fanático tinha sido ele, que tinha perseguido este Caminho até à morte, prendendo – “acorrentando” – e metendo em prisões, tanto homens como mulheres.

5 Como também o sumo sacerdote me é testemunha, e todo o conselho dos anciões; e, recebendo destas cartas para os irmãos, fui a Damasco, para trazer manietados para Jerusalém aqueles que ali estivessem, a fim de que fossem castigados.

- O orador podia compreender e avaliar a atitude dos seus ouvintes, porque já tinha estado na mesma posição.

- A perseguição de Saulo aos cristãos podia ser confundida pelo sumo sacerdote – Ananias (23.2), que sem dúvida era um membro do Sinédrio naquela época – e também por todo o conselho dos anciões os presbyterion, que significa o Sinédrio (Lc 22.66). Deste grupo, Saulo tinha recebido

cartas para os irmãos [os judeus] e foi a Damasco, para trazer manietados para Jerusalém aqueles ali estivessem [os cristãos], a fim que fossem castigados.

At. 26

9 Bem tinha eu imaginado que contra o nome de Jesus, o Nazareno, devia eu praticar muitos atos;

- Eu é enfático em grego, “eu verdadeiramente”. Bruce exhibe a força disto: “Embora eu fosse um fariseu, e desta forma, teoricamente, acreditasse na ressurreição dos mortos, ainda assim julguei-a inacreditável neste caso particular e julguei que fosse o meu dever opor-me a tal heresia”.

10 O que também fiz em Jerusalém. E, havendo recebido poder dos principais dos sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e, quando os montavam, eu dava o meu voto contra eles.

- Paulo aqui descreve com mais detalhes do que em qualquer outra passagem a sua campanha de perseguição contra os cristãos. Com a autorização dos sumos sacerdotes ele tinha aprisionado muitos dos santos.

11 E, castigando-os muitas vezes por todas as sinagogas, os obriguei a blasfemar. E, enfurecido demasiadamente contra eles, até nas cidades estranhas os persegui.

- Quando os matavam, como no caso de Estevão, eu dava contra eles o meu voto, ou melhor, “atirava meu voto contra eles”.

- O substantivo grego significa literalmente “uma pedra pequena” ou “pedregulho” alguma vezes usado como um amuleto (Ap 2.17). Mas também era “usado nas votações, nos júris e em outros lugares, uma pedra negra para a condenação, e uma branca para a absolvição”.

- A última frase do versículo 10 é frequentemente interpretada indicando que Paulo era um membro do Sinédrio e, portanto, um homem casado. Mas Hackett observa que a palavra grega “significava também opinião, consentimento e acompanhava vários verbos, como colocar e atirar, significando pensar, julgar, sancionar, com uma alusão figurativa ao ato de votar”. Bruce escreve: “A frase pode ser usada oficialmente ou não... e não pode significar uma prova de que Paulo era um membro do Sinédrio”. Lenski vai ainda mais adiante: “O registro mostra tantos contatos de Paulo com o Sinédrio que, se ele tivesse um dos seus membros, este fato teria sido afirmado indubitavelmente”. A afirmação moderada de Bruce é provavelmente a melhor que se pode fazer.

Referências bibliográficas:

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CABRAL, Elienai. **Lições Bíblicas: O Apóstolo Paulo – Saulo de Tarso, o perseguidor**. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.
- CABRAL, Elienai. **O Apóstolo Paulo – Saulo de Tarso, o perseguidor**. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.
- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – O Mundo do Apóstolo Paulo**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética**. Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **Saulo de Tarso, o perseguidor**. Subsídio publicado no *site* <http://www.portalebd.org.br/>.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- HORTON, Stanley. M. **Os problemas da Igreja e Suas Soluções**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **Saulo de Tarso, o perseguidor**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides de. **O Mundo do Apóstolo Paulo**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **Saulo de Tarso, o perseguidor**. Subsídio publicado no *site* <http://abimaeljr.wordpress.com>.
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.